

**FANFICS PUBLICADAS EM SITES NÃO CONVENCIONAIS:  
UMA ANÁLISE HIPERTEXTUAL SOBRE FICÇÕES  
DE FÃ NO INSTAGRAM**

Márcia Helena de Melo Pereira (UESB)

[marciahelenad@yahoo.com.br](mailto:marciahelenad@yahoo.com.br)

Thalita Rocha Souza (UESB)

[thalitaphn1@gmail.com](mailto:thalitaphn1@gmail.com)

Kendra Santos Silveira (UESB)

[kendracademic@gmail.com](mailto:kendracademic@gmail.com)

**RESUMO**

A ascensão da rede mundial de computadores engendrou mudanças significativas nas diversas práticas discursivas e nas relações sociais que, impactadas pelo advento da internet, são remodeladas e passam a existir também nas comunidades virtuais, abrindo caminho para o desenvolvimento constante de gêneros digitais em redes sociais, a exemplo do Instagram. Nessa perspectiva, elegeu-se o gênero *fanfiction* como objeto de análise, objetivando investigar de que maneira as características hipertextuais podem se apresentar em narrativas ficcionais de fãs alocadas no suporte *Instagram*. Para isso, embasamo-nos, teoricamente, em Bakhtin (2016) acerca de gêneros discursivos, em Xavier (2010) e Koch (2007) sobre o (hiper)texto, entre outros. Como *corpus*, utilizamos a *fanfic* intitulada “Tech Rex”, retirada do *Instagram*, baseada na obra “Miraculous: As Aventuras de Ladybug & Cat Noir” (2015). Verificou-se que, no *Instagram*, as características hipertextuais são bem-marcadas, uma vez que tais aspectos podem ser evidenciados a partir, por exemplo, da liberdade oferecida ao usuário, o qual pode navegar de forma não-sequencial pelos blocos de significado. Além disso, observou-se também a presença de elementos multissemióticos expressos na intersecção das linguagens verbal – que pode vir ou não na legenda –, e não verbal, – em formato de imagem.

**Palavras-chave:**

*Fanfiction*. Hipertexto. Gênero discursivo.

**ABSTRACT**

The rise of the world wide web engendered significant changes in the various discursive practices and social relations that, impacted by the advent of the internet, are remodeled and also begin to exist in virtual communities, paving the way for the constant development of digital genres in social networks, like Instagram. In this perspective, the genre was chosen as an object of analysis, aiming to investigate how hypertextual characteristics can be presented in fictional fan narratives allocated in the Instagram support. For this, we base ourselves, theoretically, on Bakhtin (2016) about discursive genres, on Xavier (2010) and Koch (2007) on the (hyper)text, among others. As a corpus, we used the fanfic entitled “Tech Rex”, taken from Instagram, based on the work “Miraculous: As Aventuras de Ladybug & Cat Noir” (2015). It was verified that, on Instagram, the hypertextual characteristics are well-marked, since such aspects can be evidenced from, for example, the freedom offered to the user, who can navigate

non-sequentially through the blocks of meaning. In addition, the presence of multisemiotic elements expressed in the intersection of verbal languages – which may or may not appear in the caption – and non-verbal – in image format was also observed.

**Keywords:**

*Fanfiction. Hypertext. Discursive genre.*

## **1. Introdução**

A ascensão da rede mundial de computadores na contemporaneidade engendrou novas formas de produção e recepção de textos, requerendo dos interlocutores práticas de letramento específicas para os gêneros do discurso que emergem nesse meio de circulação global. Diante desse cenário, sucederam mudanças significativas no interior das diversas práticas discursivas e nas relações sociais que, impactadas pelo advento da internet, são remodeladas e passam a existir também nas comunidades virtuais, abrindo caminho para o desenvolvimento constante de gêneros digitais em redes sociais, como o *Instagram*, que consiste numa rede de publicação e circulação de postagens com legendas, fotos e vídeos curtos.

A *fanfiction*, gênero discursivo em que um fã de determinada obra produz uma nova narrativa a partir de uma história original, também é um exemplo de gênero nessa direção. As histórias contadas em *fanfics* costumam ser escritas de forma colaborativa e são publicadas em plataformas específicas para tal fim, como a *Wattpat*, *Spirit Fanfiction* ou a *NYAH! Fanfiction*. Porém, temos percebido a ascensão de novas modalidades de *fanfictions* publicadas em outras plataformas, a exemplo do *TikTok* e *Instagram*.

Diante disso, neste artigo, objetivamos fazer uma análise do gênero *fanfic*, procurando investigar de que maneira características hipertextuais de tal gênero podem se apresentar no suporte *Instagram*. Para isso, embasamo-nos, teoricamente, em Bakhtin (2016) acerca do conceito de gêneros discursivos, em Xavier (2010) e Koch (2007) sobre o (hiper)texto, entre outros. Como *corpus*, utilizamos a *fanfic* intitulada *Tech Rex*, retirada do *Instagram*, baseada na obra “Miraculous: As Aventuras de Ladybug & Cat Noir” (2015).

O presente artigo foi assim organizado: após a introdução, discutimos, teoricamente, a respeito do conceito de hipertexto, de seus aspectos constitutivos, seguido de uma breve apresentação do gênero *fanfiction* e da plataforma não convencional *Instagram*. Em seguida, passamos à análise da *fanfic* selecionada, no intuito de evidenciar como as características

hipertextuais se manifestam nessa plataforma. Ao final, traçamos nossas considerações finais.

## **2. Hipertexto, fanfic e instagram: fundamentos teóricos**

A Sociedade de Informação na qual vivemos dispõe de diversas novas tecnologias digitais que alcançam os âmbitos culturais, sociais e linguísticos no seio da sociedade, a exemplo do hipertexto, que possibilita ao leitor conectar-se com o mundo de qualquer lugar que esteja, apenas por meio de um click. O ambiente digital atual, fundamentalmente, pautado pela interação, introduz a participação ativa dos sujeitos de um lugar que, agora, os fazem ser produtores de textos e não apenas consumidores.

É nessas circunstâncias que Jenkins (2013) se propõe a discutir sobre essas questões, em seu texto intitulado “Venere no altar da convergência”. O pesquisador esclarece que, ao tratar de convergência, palavra que, segundo ele, consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais a depender de quem fala e de que se fala, põe-se em evidência o “fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam” (JENKINS, 2013, p. 30).

O teórico explica que o processo de circulação de conteúdos envolvendo diferentes sistemas de mídia, por exemplo, possui uma forte dependência em relação à participação ativa de quem consome. Nesse sentido, para Jenkins (2013) “a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos” (JENKINS, 2013, p. 30). Em outras palavras, a convergência não pode ser entendida de forma limitada como um processo tecnológico que se resume a unir diversas funções em um único aparelho; ela é um fenômeno de cunho cultural, e não de aparelhos. O autor, portanto, defende que a convergência está no indivíduo consumidor, bem como está presente nas interações sociais estabelecidas por ele.

Nesta conjuntura, segundo o autor, os papéis de produtor e consumidor se confundem. A *fanfic* se encaixa nesse viés, uma vez que os fãs ressignificam obras canônicas de maneira colaborativa, participando ativa e criticamente do processo de recriação, ou seja, a obra original não é

apenas consumida dentro da cultura participativa, ela é reconfigurada de acordo as percepções de seus fãs em relação a sua composição, enredo, personagens e desdobramentos.

Jenkins (2013) destaca, ainda, que “a convergência envolve uma transformação tanto na forma de produzir quanto na forma de consumir os meios de comunicação” (JENKINS, 2013, p. 44). Esse aspecto nos chama atenção, pois permite que se faça relação com a noção de hipertexto que mobiliza diferentes formas de produzir e consumir informações alocadas no espaço virtual.

Segundo Koch (2007), Theodor Nelson foi o estudioso criador do termo hipertexto no período dos anos sessenta. De acordo Xavier (2009), Nelson é um dos pesquisadores que advoga em relação à superioridade do texto eletrônico em detrimento do texto tradicional. Diferentemente da posição do criador do termo, Xavier (2009) defende que devemos entender o hipertexto como uma “economia de leitura/escrita revolucionário” e não como algo que ocupe “o lugar e relevância do livro impresso”. O autor entende o hipertexto como “uma forma híbrida, dinâmica, flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade” (XAVIER, 2009, p. 171). Ou seja, o hipertexto fornece ao leitor uma série de caminhos possíveis e violáveis de sentido através de um amplo conjunto de elementos semióticos, como, por exemplo, sons, gráficos e diagramas. O linguista destaca que todos esses elementos são postos sobre “uma mesma superfície perceptual, amalgamados uns sobre os outros, formando um todo significativo e de onde sentidos são complexivamente disponibilizados aos navegantes do oceano digital” (XAVIER, 2009, p. 171).

Koch (2007) elencou as principais características do hipertexto que vêm sendo apontadas por pesquisadores da área. São elas: a não-linearidade, a qual é vista como uma característica central do hipertexto; a volatilidade que, segundo a linguista, deve-se à própria natureza do suporte; a especialidade topográfica por “tratar-se de um espaço não-hierarquizado de escritura/leitura, de limites indefinidos” (KOCH, 2007, p. 25); a fragmentariedade, uma vez que não há um centro regulador imanente; a multissensuosa, que corresponde a utilização de diferentes aportes sígnicos e sensoriais (palavras, ícones, efeitos sonoros, diagramas, tabelas tridimensionais, etc.) dispostos em um mesmo plano de leitura; a descentração ou multicentramento, que está relacionada a não linearidade; a interatividade, que diz respeito à possibilidade de interagir com a máquina e com os recursos que ela disponibiliza; a intertextualidade, que diz respeito a

facilidade de acesso a diversos textos; a conectividade, que é “determinada pela conexão múltipla entre blocos de significado”; e, por fim, a virtualidade, característica apontada por Koch (2007) como outra característica essencial do hipertexto.

Ainda a respeito dos aspectos constitutivos do hipertexto, Xavier (2009) chama a atenção para a sua natureza não linear que, para ele, seria a “ausência de um foco dominante de leitura” (XAVIER, 2009, p. 175). Partindo disso, o pesquisador ressalta que a recepção não hierárquica não é uma novidade exclusiva e radical trazida pelo hipertexto, tendo em vista que elementos tais como notas de rodapé, índices remissivos, sumários e divisões por capítulos já se encontram presentes nos livros tradicionais. Porém, ele ressalta que neles tais aspectos são apenas uma forma de recepção, bem diferentes no hipertexto, no qual a deslinearização constituiu princípio básico de sua constituição.

À vista disso, o pesquisador alerta, ainda, que a não linearidade do hipertexto pode tanto facilitar a compreensão do leitor, como também pode representar um risco, já que essa nuance pode fragmentar o hipertexto de modo a deixar o leitor inexperiente desorientado e disperso. Já os leitores experientes conseguiriam ter uma forma de leitura denominada por ele como *self service*. Nesse caso, o próprio leitor é quem percorre e escolhe o caminho que deseja desbravar no interior desse rico arsenal de textos e informações dispostos por meio de diversos recursos semióticos que são disponibilizados a ele.

Nesse sentido, o linguista assevera que o hipertexto requisita de seu leitor muito além da mera capacidade de decodificação de palavras ali presentes e salienta que, independentemente da superfície textual, sempre é cobrado do leitor o intenso esforço de realizar inferências, preenchimento de lacunas por quem o escreveu, etc., “porque o texto, em qualquer superfície, não pode dizer tudo, por motivos óbvios de falta de espaço e obediência às regras do próprio jogo que constitui as linguagens” (XAVIER, 2009, p. 172). Xavier (2009) destaca, ainda, que o hipertexto constitui uma ferramenta que potencializa a emancipação do leitor, pois é por meio desse exercício pluritextual de desbravamento de sentidos que o “hiperleitor” trilhará suas próprias rotas de construção de sentido, de compreensão, de gestos de interpretação, pois “é ele mesmo quem define a versão cabal do que será lido e compreendido” (XAVIER, 2009, p. 177).

Vimos que a pluritextualidade ou multissemiose, em consonância com Koch (2007), faz parte das características atribuídas ao hipertexto.

Sobre isso, Xavier (2009) salienta que esses diferentes aportes sógnicos dispostos em um mesmo plano de leitura constitui uma novidade fascinante no hipertexto. Sendo assim, é essencial nos debruçarmos sobre esses elementos que compõem os textos da contemporaneidade, tendo em vista que os avanços tecnológicos propiciaram, com mais intensidade, o processo de criação e atualização constante desses elementos, como podemos visualizar na plataforma *Instagram*, ao ser usada para veicular *fanfics*.

### **3. *Instagram: um gênero discursivo digital em emergência***

O *Instagram* surgiu nos Estados Unidos e foi lançado em 2010 pelo norte-americano Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger como um aprimoramento do aplicativo Burbn e, em 2011, já contava com mais de 10 milhões de usuários na rede, sendo até considerado “o aplicativo do ano” pela Apple (Cf. AMORIM, 2021). Em 2012, o *Facebook* comprou o *Instagram*, mas, atualmente, esse aplicativo faz parte da empresa Meta e já conta com aproximadamente dois bilhões de usuários, de acordo com dados divulgados pelo Diário do Grande ABC (2022).

A rede social pode ser acessada tanto pelo site quanto pelo aplicativo em dispositivos móveis, sendo que as opções e recursos, isto é, a experiência que o usuário terá, difere em cada um deles. No *Instagram*, o usuário pode publicar fotos e vídeos, aplicar efeitos disponíveis pelo aplicativo em suas postagens e interagir nas publicações e stories de outros perfis na rede mediante curtidas e comentários. Quanto à natureza dos perfis, as contas podem ser privadas, sendo necessário solicitar a outro usuário para segui-lo e assim acessar suas publicações; ou abertas, de modo que qualquer indivíduo pode acessar o perfil sem uma aprovação do dono.

O aplicativo *Instagram* é também um grande e importante suporte para diversos gêneros digitais em ascensão, a exemplo da própria publicação de *Instagram*, que compõe nosso foco de discussão. No que diz respeito ao conceito de suporte, partimos da definição de Marcuschi (2008) que entende suporte de um gênero como “um *locus* físico ou virtual, tem formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 174). Assim, é no suporte em que o texto se materializa e circula na sociedade.

O *Instagram*, dessa forma, é suporte à medida que acomoda gêneros do discurso e uma vez que é virtual; tem um formato específico (composto pelos mais diversos elementos semióticos e gráficos encontrados no

Instagram), fixa e mostra textos, podendo ser esta uma publicação de *Instagram*, um comentário de publicação de *Instagram*, um *reels* (recurso audiovisual com duração de até 60 segundos) e tantos outros. Portanto, “o *Instagram* abarca diversos gêneros, não somente as publicações de *Instagram*, devido ao seu caráter semiótico e multifacetado, além da possibilidade de tratar de diversos temas no mesmo espaço” (AMORIM, 2021, p. 42).

Partindo do conceito de gêneros do discurso cunhado por Bakhtin (2016), sabemos que eles são sustentados por três pilares indissolivelmente conectados entre si: conteúdo temático, estilo e estrutura composicional. O conteúdo temático compreende a escolha temática do ato enunciativo, bem como aspectos linguísticos, textuais e discursivos, que orientam e norteiam a comunicação discursiva, e, ainda, o papel dos sujeitos compreendidos na cena enunciativa (Cf. PRADO, 2019). É comum encontrarmos no *Instagram* receitas e dicas de alimentação, moda, humor, dicas de estudos e ensino-aprendizagem, esportes, notícias e muitos outros.

A construção composicional relaciona-se às unidades composicionais que sustentam e dão acabamento ao gênero. Quanto à publicação de *Instagram*, podemos reconhecê-la pelo *layout* da página (elementos visuais e disposição do texto no suporte, por exemplo), identificação do perfil na parte superior da publicação, e as opções que encontramos logo abaixo da publicação (o símbolo de coração para a ação de curtir, quem curtiu a publicação, os comentários em destaque, etc.).

O estilo, por fim, diz respeito às escolhas linguísticas particulares do sujeito para enunciar. Notamos esse pilar na escolha da foto e/ou vídeo pelo usuário, na legenda que atribui à foto (ou não), bem como nos elementos semióticos que vem acompanhados (Cf. AMORIM, 2021). Quanto ao estilo do gênero, segue as especificações postas pelo aplicativo.

Passemos, agora, para a análise e discussão dos dados no intuito de descortinar como as características hipertextuais se manifestam nas *fanfics* nessa plataforma não convencional.

#### **4. Análise de dados e discussão**

A *fanfic* que selecionamos para a análise, intitulada *Tech Rex*, está alocada na rede social *Instagram* – doravante plataforma não convencional. No momento em que escrevemos esta análise, ela encontra-se concluída e pode ser acessada no perfil com o *user* @*miraculousbr.fanfics*. *Tech Rex*

foi baseada na obra “Miraculous: As Aventuras de Ladybug & Cat Noir” (2015), uma série de animação nipo-franco-coreana criada por Thomas Astruc, que conta com mais de 78 capítulos.

A “Tech Rex” tem como protagonistas os heróis Ladybug e Cat Noir, que são, respectivamente, as personagens Marinette Dupain-Cheng e Adrien Agreste – ambos são estudantes e residem na cidade de Paris. Juntos, os dois têm a missão de salvar a cidade e protegê-la das ações de Hawk Moth e, também, dos Akumas – criaturas em formato de borboletas pretas, responsáveis por transformar as pessoas em seres do mal.

Assim como na obra original, a personagem Marinette se transforma na super-heroína Ladybug em favor do Miraculous da Joanhina, que é habitado pelo kwami, sua companheira fiel, Tikki. Seu poder é de Criação. Adrien, por sua vez, se transforma no super-herói Cat Noir, em virtude do Miraculous do Gato, habitado pelo kwami Plagg, cujo superpoder é de Destruição.

Os dois estudantes compartilham o ambiente da sala de aula e, eventualmente, são convocados para missões nas quais assumem as suas identidades de super-heróis. No entanto, suas verdadeiras identidades não são conhecidas por eles. A série de desenhos, obra original basilar de variadas produções de fãs, já se encontra na 4ª (quarta) temporada e até o momento as identidades dos super-heróis Ladybug e Cat Noir não foram reveladas entre os personagens Marinette e Adrien.

Dessa forma, as produções de fãs abordam e criam, geralmente, o momento em que a revelação ocorre, por ser umas das revelações mais esperadas. Marinette pode, então, ter seu amor correspondido por Adrien, visto que ele é apaixonado por Ladybug e não deseja entregar seu afeto a ninguém que não seja a heroína.

Ao analisarmos a *fanfic* “Tech Rex” alocada no *Instagram*, logo de início observamos a existência de uma infinita gama de possibilidades e caminhos que podem ser trilhados pelos fãs dentro da plataforma, colocando em evidência a característica hipertextual da não-linearidade ou não-sequencialidade, o que permite a navegação por blocos, como podemos visualizar na figura 1, a seguir:

Figura 1: Interface inicial do perfil @miraculousbr.fanfics.



Fonte: *Instagram*.

Nessa figura, destacamos a presença de hiperlinks já na interface inicial do perfil, visto que o usuário pode seguir por diversos caminhos a depender da opção que vier a selecionar. Ele pode dirigir-se para os “Seguidores” ou “Seguindo”, pode visualizar a aba “Destaques” ou, até mesmo, ir para as páginas seguintes: “Guias” e “Marcados”, ao arrastar para o lado. Isto é, não há uma ordem pré-estabelecida e demarcada pelo aplicativo, ou mesmo do dono do perfil, dos caminhos que o usuário deve percorrer em sua leitura. Este aspecto, como vimos na fundamentação teórica, pode tanto facilitar a compreensão do leitor como também pode representar um risco, uma vez que a não linearidade pode fragmentar o hipertexto de modo a deixar o leitor inexperiente desorientado e disperso, conforme salientou Xavier (2009).

Muito próximo disso, ainda na figura 1, identificamos outra característica apontada por Koch (2007): o multacentramento, uma vez que o dono do perfil, valendo-se dos recursos disponibilizados pelo suporte, configura e personaliza o seu perfil de acordo a sua criatividade, como o faz na aba Destaques e Guias. Desse modo, o usuário tem a possibilidade de interagir com as ferramentas da rede social sem necessitar obedecer a uma sequência pré-estabelecida e lógica na plataforma.

O suporte *Instagram* também permite aos seus usuários a criação de guias dentro da plataforma, aspecto que chama atenção para a questão do hipertexto poder mobilizar diferentes formas de produzir e consumir informações alocadas no espaço virtual, conforme mostra a figura 2, a seguir:

Figura 2: Seção *Guias* no interior do perfil @miraculousbr.fanfics.



Fonte: *Instagram*.

Observamos, a partir da figura 2, que o dono do perfil organizou as publicações de uma forma que facilitasse a busca pelas ficções de fã, utilizando guias dentro da plataforma para apresentar e organizar a sua ficção. Nesse caso, as guias funcionam como pastas, geralmente organizadas por assuntos e, dentro dessas pastas, as postagens são sequenciadas conforme a história recriada, ou seja, cada guia agrupa uma *fanfiction* dividida por partes (capítulos). Vemos que esse recurso permite ao usuário da rede social uma melhor visualização dos *posts* no interior dos perfis. É importante ressaltar que, apesar de a rede social *Instagram* não ter como foco principal abrigar narrativas ficcionais, os recursos disponíveis – a exemplo das guias – se mostraram ótimas ferramentas para a publicação dessas *fanfics*, visto que possibilita uma eficiente organização das partes e capítulos das histórias.

Percebemos que, por meio de um simples “click”, é possível visualizar e percorrer os inúmeros blocos de significado dentro dessa plataforma não convencional. Nesse sentido, Koch (2007) destaca que os hiperlinks são como uma ponte de diálogo entre a rede de textos que se cruzam na construção discursiva do hipertexto. Eles trabalham como convites ao leitor, permitindo-o acessar novas informações, ou mesmo informações que se relacionam com o tópico central do *link* anterior, aspecto evidenciado nas ficções publicadas no *Instagram*. Nessa perspectiva, a conectividade e a virtualidade – característica apontada por Koch (2007) como essencial do hipertexto –, também se apresentam a partir dos *hyperlinks* dispostos na plataforma, pois constroem a conexão entre os blocos de sentido e os textos que compõem o hipertexto, como podemos observar exposta na figura 3, a seguir:

Figura 3: Interface da publicação no *Instagram*.



Fonte: *Instagram*.

Visualizamos, na figura 3, a presença de hiperlinks por meio das *hashtags* (#) editadas pelo dono do perfil e também com a marcação referente ao perfil de quem produziu as ilustrações por meio da arroba (@). Essas ferramentas permitem ao usuário-leitor trilhar outros blocos de significados associados à temática da publicação exposta, aspecto que configura a conectividade – também característica do hipertexto.

É notório, ainda, que as publicações dessa rede social sejam feitas sempre mediante arquivos de imagens e vídeos. Não é possível que o usuário realize uma publicação sem ao menos a inserção de uma imagem ou um vídeo, aspecto que se relaciona com a característica multissemiótica, muito presente nas composições publicadas no *Instagram*. A multissemiose, em consonância com Koch (2007), faz parte das características atribuídas ao hipertexto e pode ser ilustrada com a figura 4, a seguir:

Figura 4: Aportes signos dispostos no layout da página *miraculousbr.fanfics*.



Fonte: *Instagram*.

Vemos, nessa figura, que o dono do perfil utilizou fortemente as

imagens com o intuito de tornar a ficção mais ilustrativa e mais atrativa aos seus leitores, mas também como uma estratégia para superar as limitações do suporte. É possível observar, ainda, os diversos aportes sígnicos também disponibilizados pela plataforma, como, por exemplo, os ícones de seguir, de compartilhar, de curtir, de salvar a história para ler posteriormente, os emojis, muito utilizados pelos fãs nos comentários para expressar suas percepções. Sobre isso, lembremos do que salienta Xavier (2009) ao enfatizar que os diferentes aportes sígnicos dispostos em um mesmo plano de leitura constitui uma novidade fascinante no hipertexto.

Desse modo, o fã-leitor está em constante interação com o equipamento, conforme aponta a característica de interatividade descrita por Koch (2007), mas também com os demais fãs-leitores, visto ter a possibilidade de comentar e responder comentários já existentes, bem como poder acessar recursos de curta e compartilhamento disponibilizados, como pudemos ver na ilustração da figura 4. A interatividade, deste modo, faz-se bem presente na relação do sujeito com a rede social, visto que ele pode navegar pelos diferentes aportes sígnicos e sensoriais, como evidencia as pesquisas linguísticas a esse respeito, ao discorrer sobre a multissemiose.

Por último, queremos destacar a presença do dialogismo bakhtiniano (2016), visto que a interação com o *outro* constitui a essência da rede social *Instagram*. O que se publica, como o faz, tem por base a percepção e o sentimento que será despertado no *outro*, no fã-leitor; esse *outro* não é passivo, mas participa ativamente do processo de elaboração, apreciação e recreação das narrativas.

## 5. Considerações finais

Neste artigo, objetivamos fazer uma análise do gênero *fanfic*, procurando investigar de que maneira as características hipertextuais podem se apresentar em narrativas ficcionais de fãs alocadas no suporte *Instagram*. Fomos buscar nossa fundamentação teórica em Bakhtin (2016) acerca de gêneros discursivos e em Xavier (2010) e Koch (2007) sobre o (hiper)texto, entre outros.

Ao averiguar o fenômeno *fanfiction* no *Instagram*, evidenciamos que as características hipertextuais são bem-marcadas nesta plataforma não convencional. Identificamos a não-linearidade e o multicentramento na interface do suporte, uma vez que, em apenas uma página, é oferecida ao leitor uma gama infinita de possibilidades de navegação, como também

de ferramentas de interação com a própria plataforma. Em relação à conectividade e a virtualidade, destacamos o uso das *hashtags* nas legendas das publicações, como também a possibilidade de marcar outra conta, de comentar, de curtir, salvar ou enviar a publicação para outro usuário, conectando, assim, os vários blocos de significados existentes na plataforma, aspectos que nos permite visualizar também a interatividade, detalhe intrínseco ao hipertexto. Além disso, a multissemiótica, característica bem evidente, foi observada deste a utilização de imagens para ilustrar a narrativa, até nos diferentes aportes sígnicos disponibilizados pelo *Instagram* para tornar os movimentos dos usuários no interior da plataforma intuitivos, bem como para proporcionar aos leitores uma interação com o *outro* através dos comentários, nos quais o emojis são frequentemente utilizados para expressar as percepções.

Verificamos, desse modo, que todas as possibilidades e movimentos realizados pelo interlocutor exigirá um Letramento Visual, como destaca Dionísio (2011), visto a necessidade de articular todos esses elementos sígnicos durante a leitura, a fim de que se entenda a história. O Letramento Visual, dessa forma, mostra-se uma prática importante para o sujeito do século XXI, uma vez que ele está a todo momento em contato direto com as tecnologias digitais e, por consequência, lidando com textos cada vez mais multimodais e multissemióticos. Articular todos os elementos e informações, adentrando as camadas de sentido do texto, exige um esforço e letramento do leitor.

Assim, chegamos à conclusão de que o trabalho pedagógico com a ficção de fã somada com a utilização da plataforma não convencional *Instagram* mobiliza nos alunos tanto as práticas de leitura e escrita, como também as habilidades no manuseio do suporte, uma vez que o contato com essas plataformas hiperconectadas permite que sejam desenvolvidas habilidades interacionais em lidar com as multiplicidades de enunciados produzidos no meio digital, bem como estimula o sujeito a construir sua autonomia, tendo em vista uma participação ativa de quem se coloca no jogo da produção de sentidos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Marina Martins Pinchemel. *O hipertexto no ensino (app)rendizagem: a retextualização no meio digital*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2021. 194f.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. Aleph, 2015.

KOCH, Ingedore G. Villaça. Hipertexto e construção do sentido, *Alfa*, v. 51(1), p. 23-38, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1425>. Acesso em: 30 set. 2021.

LARA, Marina Totina de Almeida; MENDONÇA, Marina Célia. Comentários em fanfics: produção escrita colaborativa na internet. *Letras de Hoje*, v. 56, n. 3p. 654-67, Porto Alegre, set.-dez. 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/40705>. Acesso em: 08 mar. 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

ROJO, Roxane Helena H; BARBOSA, Jacqueline P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015. 152p.

PRADO, Anne Carolline Dias Rocha. Participação, negociação e escolhas: como acontece a escrita conjunta no processo de construção de uma resenha?. *Repositório Digital de Teses e Dissertações do PPGLin-UESB*, v. 7, 153p., 2019.

RIBEIRO, Pollyanne Bicalho. Funcionamento do gênero do discurso. *Bakhtiniana*, v. 1, n. 3, p. 54-67, São Paulo, 1º sem. 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3370>. Acesso em: 19 mar. 2021.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. São Paulo: Cortez, 2009. p. 170-80